

399

A BATALHA DE KERCK

Pelo Ten. Cel. GEORGE SOLDAN, do Exército Alemão
Extraído do "Coast Artillery Journal"

Pelo Major NEWTON F. NASCIMENTO

I — IMPORTÂNCIA DA BATALHA

Criméia, maio de 1942.

A situação geográfica da Península da Criméia, banhada pelo Mar Negro e pelo Mar de Azov, com suas estreitas e, em parte, interrompidas pontes terrestres, oferece excelente ligação, de um lado, com a Europa e, de outro, com a Ásia, tal como se fôra rasgada entre êsses dois continentes. A importância dessa península voltou novamente ao primeiro plano da atenção mundial, em consequência da ofensiva germânica que nela vem de ser concluída. Sua posição entre dois continentes, aliada às peculiares vantagens e belezas que a natureza prodigamente lhe proporcionou sob vários aspectos, tem sido a causa de um passado particularmente inquieto.

A história do século XIX, por si só, inscrita com certa clareza entre os castelos dos últimos príncipes tártaros em Bakhtshissarai e os dos últimos tzares da dinastia dos Romanoff, naquêlo pedaço de terra repetidamente disputado, legou à sua população um tormentoso destino. Entretanto, se alguém, nos dias que correm, observar mulheres e meninas — os homens foram, na maior parte, incorporados à soldadesca Vermelha — abarrotando com cargas de quinhentos quilos, ou mais, suas miseráveis carretas, construídas, na maioria, de materiais improvisados, e puxando-as ou empurrando-as através dos desfiladeiros que as conduzem, em circuitos intermináveis, de Alushta, na costa meridional, para Sinferopol, concluirá então facilmente que, como aliás ocorre sempre na vida humana, a necessidade e a luta geram raças robustas.

"A vitória na Criméia é a chave para a vitória geral sobre o inimigo" — tais os termos duma ordem do dia capturada aos russos. "Se os alemães conseguirem tomar Kerch, poderão ser bem sucedidos nas tentativas de ocupar a retaguarda de Timoshenko", diziam os

ingleses. Por outro lado, um simples exame do mapa da região mostra que a Criméa, em poder dos russos, poderia importar num risco para o flanco sul do exército alemão que luta na frente oriental. O assunto é, naturalmente, discutível. Na análise final, porém, o reconhecimento e a previsão das dúvidas é que constituem a base de uma grande parte de toda a ciência militar.

Por volta do dia 20 de dezembro de 1941, os russos ainda ocupavam o extremo ocidental da península, em torno de Sebastopol. Com forças pouco numerosas — relativamente ao poder combativo dos russos e à extensão da área — o exército do Tenente-General von Manstein havia expulsado o inimigo do continente.

Esse feito era considerado como um empreendimento especialmente grandioso, tendo em vista que uma poderosa esquadra russa controlava aquela região e que a rota de suprimentos alemã consistia apenas na estreita ponte terrestre situada nas vizinhanças de Perekop, cuja tomada abrira, finalmente, o caminho para a Criméa. Não obstante, as condições atmosféricas deram aos russos tempo suficiente para que se consolidassem na velha e histórica fortaleza, assim como para que se organizassem rapidamente, fazendo uso de sua frota.

Ao mesmo tempo, no entanto, era bem clara a preponderante significação que tinha para eles a perda da península. Assim é que os esforços para reconquistá-la tiveram início quase imediatamente, sendo todavia possível estreitar cada vez mais o anel em torno da fortaleza. Entre os feitos alcançados em curto espaço de tempo durante essa árdua luta, destacam-se a conquista de vários fortes, à esquerda, e o rompimento através de Kacha, na ala direita, este último levado a efeito entre 21 e 23 de dezembro. Ambos os antagonistas persistiram nos ataques nesses últimos dias do ano.

Era possível aos russos fazer uso do controle que exerciam sobre o Mar Negro, sendo-lhes também facultado operar desembarques de surpresa em qualquer ponto. Os cálculos, nessa batalha, eram necessários em grande escala, como, de resto, ocorria em toda a frente ocidental.

No "front" costeiro, de quase mil quilômetros de distância, não existia nenhum local apropriado para o desembarque de forças na retaguarda de nossas tropas. De 25 de dezembro em diante, tais tentativas de desembarque, especialmente na comprida língua de terra que se estende para a península de Kerch, foram feitas repetidamente, sem que, porém, produzissem qualquer efeito sobre o ataque alemão contra Sebastopol.

Acreditava-se já que a derrota dos russos que haviam desembarcado, até então, melhorara consideravelmente a situação, quando, a 29 de dezembro, durante um dia nebuloso que impediu o uso da

aviação, uma frota inimiga, composta de vários cruzadores e barcos-torpedeiros, introduziu-se furtivamente, no porto de Feodósia. Seguiram-se desembarques de tropas em números elevadíssimos. E, além disso, outros desembarques tiveram lugar em pontos diferentes. Surgiu daí uma situação de indiscutível gravidade, visto que Feodósia não só controlava o acesso à península de Kerch, como tinha de ser considerada uma posição importante para o controle de toda a Criméa.

Não era difícil compreender que os russos estavam, agora, planejando não apenas um auxílio a Sebastopol, mas também a conquista de um objetivo que compreendia, nada mais, nada menos, do que, ordens capturadas assim o provam — a recaptura de toda a Criméa. Pretendiam outrossim, em ligação com os seus ataques, já inteiramente desenvolvidos ao longo de toda a frente oriental, avançar contra a retaguarda alemã, com o fito de cortar nossas linhas de suprimento, servindo, dêsse modo, da forma mais eficaz, aos objetivos combinados da ofensiva russa de inverno.

Esses cálculos sagazes, no entanto, não chegaram a se materializar. Não chegaram sequer a ir além do problema original da cabeça de ponte, embora na Criméa tôdas as vantagens estivessem com os russos. Sua posição era tanto mais favorável quanto o estreito de Kerch se congelára, podendo, portanto, ser usado como se fôsse uma ligação terrestre direta. E a proporção de vantagens do inimigo aumentou ainda, quando êste lançou tropas frescas à batalha. O exército do Tenente-General von Manstein tinha, por outro lado, suportado ataques ininterruptos desde o começo da campanha e as missões que cumprira já excediam de muito o escopo dum desempenho normal.

Muito embora a sua ação criada com os desembarques inimigos, houvesse sido estabilizada pelos enérgicos esforços de todos os comandantes seus subordinados, o Tenente-General von Manstein compreendeu, claramente, que só um poderoso contra-ataque poderia criar uma situação estável para o transcurso do inverno. Era evidente que êsse contra-ataque teria de ser desfechado contra Feodósia. Os preparativos foram concluídos em 14 dias. Teve início a 15 de janeiro, a batalha de três dias em disputa da cidade.

Terminou com a vitória decisiva para as armas alemães. Mais de 10.600 prisioneiros, no mínimo 6.000 mortos, 180 canhões, 85 "tanques" e grandes quantidades de outros materiais foram perdidos pelos russos. O adversário foi buscar abrigo numa posição previamente preparada nas vizinhanças de Akmanai e Parpach. Essa posição fica situada onde o mar contorna a península de Kerch, passando a ser, então, o alvo principal dos ataques das tropas germânicas.

Mas isso ainda não era tudo. Na Criméa, períodos de calor e frios se alternam durante o inverno, muitas vezes sem estabilização do tempo. O degelo e a chuva que cae à noite, criam frequentemente camadas espessas de lodo nas estradas da península de Kerch. Para o prosseguimento da ofensiva alemã era necessário aqui, como em toda a frente oriental, aguardar a estação do estio. Para os russos, entretanto, essa situação compulsória proporcionara a oportunidade de desferir um golpe esmagador que, na primavera, seria muito mais difícil de ser levado a cabo. Essa é, até certo ponto, uma das explicações dos obstinados esforços russos para derrotar o exército alemão no inverno.

Assim, o inimigo enviou forças muito poderosas e grande quantidade de material tanto para Kerch como para Sebastopol. Homens e máquinas foram transportadas de navio ou sobre o gelo. A arma aérea foi especialmente reforçada, fato esse que não foi difícil avaliá-las nas semanas que se seguiram.

A 26 de fevereiro, iniciaram os russos sua ofensiva. Exceção feita de alguns poucos dias, ela continuou ininterruptamente até 12 de abril. Por vezes, atacavam simultaneamente ambos os "fronts" e outras investiam apenas contra Kerch, para, no dia imediato, golpear Sebastopol. Impressionantes ataques em grande escala alternavam-se com arremetidas parciais. Elevado número de "tanques" era sempre lançado à ação. Pode-se fazer uma pequena idéia da situação, sabendo-se, por exemplo, que, a 27 de fevereiro, "75 tanques" foram aniquilados em Sebastopol, a 9 de abril, 72 em Kerch, onde, no mesmo dia, foram ainda imobilizadas 29 dessas máquinas. Verificavam-se, frequentemente, violentos combates corpo a corpo. Uma única divisão teve de repelir 35 ataques em quatro dias, na frente de Sebastopol. Outra, no mesmo local e durante o mesmo tempo, repeliu 38 ataques. Nossas tropas foram intensamente marteladas pela artilharia, sendo comum caírem mais de 10.000 granadas em um só setor. Ataques em massa organizados e desfechados em ondas de 3 e 4. A aviação inimiga auxiliava as batalhas terrestres numa tremenda cooperação. Quando os ataques diurnos não os conduziam ao objetivo, mudavam as investidas aéreas para a noite. Os russos atiraram à luta todos os homens e armas que possuíam e essa densidade de combate tinha lugar, em Kerch e em Sebastopol, em "fronts" que podiam ter, no máximo, 30 e 50 quilômetros de largura, respectivamente. Isso significava uma enorme concentração de forças e de fogo em frentes relativamente estreitas.

O esforço russo finalmente amainou e, a partir de 13 de abril, começaram a desmontar as posições de sua artilharia.

Sabia-se, porém, que ainda restava um difícil esforço. Forçar uma posição com 25 quilômetros de largura, ocupada por um ini-

migo de larga experiência, reconhecida perícia e profundamente escalonado, posição essa defendida por tropas as mais poderosas, senhoras dos mais modernos métodos de combate, protegidas pelo mar à esquerda e à direita — essa a mais difícil tarefa concebível a que um atacante poderia se dedicar. Sua solução era calculada como o primeiro avanço ofensivo do corrente ano.

II — DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES

Pode-se, hoje, afirmar que, medida na base do número de prisioneiros e de material destruído, a magnitude do êxito da batalha da península de Kerch excede de muito — de quase um terço — o extremo previsto e esperado pelos estados-maiores em cujas mãos fôra colocada a condução da batalha. Deve-se, de início, compreender que toda a península, da posição inimiga ao estreito de Kerch, tem uma distância média que mal atinge a 80 quilômetros, com uma largura de apenas 40. Se nêsse estreito espaço, banhado pelo mar por todos os lados, pôde se dar a aglomeração de tropas e de material revelada agôra pelo relatório final do Alto Comando, — aglomeração que excede por larga margem qualquer medida normal — robustecer-se-á claramente a observação feita na primeira parte dêste artigo sôbre a significação da península de Kerch e, mesmo, a significação de toda a Criméa.

Na primeira Grande Guerra, um ataque contra tal posição seria considerado como praticamente sem qualquer perspectiva de êxito. Somente após longa e extremamente pesada ação de artilharia, que foi constantemente avançando, em fases sistemáticas, poder-se-ia empreender a tentativa de forçar a península. Naquela época, a questão seria a de um preparo puramente frontal e de uma condução puramente tática da batalha, dentro da medida das possibilidades. Hoje, o exército alemão, apesar do estreitamento devido ao mar, do apôio inimigo de ambos os lados e da falta de espaço para o desenvolvimento das operações, foi capaz de conduzir a batalha como uma operação estratégica no mais claro sentido da palavra.

Um oficial russo capturado, pertencente ao Estado Maior duma das divisões imediatamente atingidas pelo principal avanço alemão à oito de maio, declarou que a sete dêsse mês, na véspera, portanto, foram ouvidos os ruídos duma batalha que se feria no setor setentrional. Disse mais que inquiríra ao comando de uma divisão vizinha o que ocorria, mas ninguém o sabia ao certo. Supunha-se que algo estaria acontecendo com o exército localizado mais acima, no mar de Azov.

Tratava-se, na realidade, duma “avant-première” da ofensiva alemã, da aparência prematura dum ataque, com o propósito de

desviar a atenção da ala direita inimiga, no Mar Negro, da nossa própria frente de ataque. O admirável sucesso do estratagema é comprovado pela ordem expedida na tarde do dia sete pelo comando da divisão a que pertencia o oficial capturado, mandando que as tropas se preparassem para um ataque alemão no dia 10. Assim, êsse oficial e toda a sua divisão foram totalmente surpreendidos a oito.

A surpresa alemã foi coroada de completo êxito. Em esclarecedores relatórios já foi descrito como, em meio à luta, surgiram aquelas aperfeiçoadas armadilhas contra "tanques" que os russos haviam estendido através do terreno, como principal obstáculo entre os dois mares. Rêdes de arãme e campos minados, em proporções nunca antes experimentadas, tiveram de ser vencidos a custo de grandes sacrifícios. Casamatas de concreto de aço tiveram de ser capturadas. O pesado fogo da poderosa artilharia inimiga obrigou-nos repetidas vezes a buscar abrigos, até que os "Stukas" viessem silenciar as baterias que nos martelavam. Enormes quantidades de metralhadoras, canhões anti-tanques, lançadores de granadas e "tanques" tiveram de ser submetidos.

Por fim, os raios do sol poente banharam a terra com seu brilho avermelhado. Vezes sem conta, os aviões passavam rugindo pelo céu em direção ao "front", de onde nos chegavam os rumores da batalha. Violentas detonações ainda sacudiam as casas, à retaguarda.

Eram todos unânimes em acreditar que o oito de maio de 1942 marcava uma data memorável na história da campanha no leste.

Havia ainda algumas preocupações: ficariam em suas posições as divisões russas que ainda não tinham sido atacadas, até que o momento do cêrco alemão, procedente do sul, pudesse bloquear a retirada pelo leste? O êxito dêsse cêrco por meio do qual no mínimo 8 e, possivelmente, mais divisões inimigas, com todo seu material, poderiam ser isoladas dum só golpe, asseguraria a realização final de nossos intentos com mais rapidez e menos derramamento de sangue?

Nossa confiança aumentou no curso do dia 9. Pesadas forças motorizadas, acompanhadas de numerosos "tanques" investiram celeremente através da brecha que fôra aberta, atravessando as valas abertas para servir de armadilha contra as máquinas blindadas, já agora aterradas pelos prisioneiros, e tomando posição para o avanço em direção ao nordeste. Uma unidade motorizada, formada com a combinação de tôdas as armas foi lançada imediatamente na direção de Kerch, ganhando terreno rapidamente.

Ao anoitecer do dia 9, tínhamos poderosas forças voltadas para o norte e o nordeste, com unidades motorizadas, já atacando, à sua direita. Era certo, pois, que o cêrco poderia ser completado a 10.

Outras forças alemães, a que agora haviam se reunido unidades rumenas, operavam na ala direita, perseguindo os russos derrotados que se retiravam apressadamente para leste. A ala esquerda, contando também com a colaboração rumena, mantinha-se pronta para encerrar o sítio a oeste.

A essa altura, a chuva principiou a cair! Sabíamos que isso significava o afrouxamento de todos os movimentos e que, se ela persistisse, a paralização completa de todas as espécies de veículos motorizados, dos quais, na fase atual da luta, dependia primordialmente toda a mobilidade das nossas forças. A alguém que desconheça o sólo da península, sobre o qual corre apenas uma única estrada sólida, é impossível compreender a situação.

Tínhamos a sensação de caminhar sobre sabão amolecido. A terra colava-se a nossos pés como uma pesada carga. Pequenos lamaçais logo se transformavam em lagôas de lodo.

Foi a crise da batalha. A tarde do dia 12, espessas nuvens eram vistas ainda no céu. Tornára a cair a chuva que somente cessou às primeiras horas da manhã. As colunas de suprimento estacionavam, paralizadas nas estradas, em fileiras intermináveis. Onde terminava a estrada sólida, os veículos dotados de "caterpillar" prosseguiam caminho, rodando sobre a lama fôfa. Em toda a parte viam-se automóveis enguiçados. Todos os uniformes traziam grossa camada de terra ressecada. A marcha do avanço havia, sem dúvida, diminuído, grande parte das tropas motorizadas se encontravam completamente inativas, mas, apesar de tudo isso, continuávamos levando avante as operações. Subitamente, abriu-se um claro nas nuvens. Sobre o Mar Negro divisava-se um pedaço de céu azul que aumentava a olhos vistos. Pouco tempo depois, os raios do sol forçaram seu caminho para a terra.

III - CONCLUSÃO

Na tarde do dia 11, ficou decisivamente constatado que numerosas forças russas se achavam cercadas na área compreendida entre Parpach e a costa setentrional. Tentativas desesperadas de rompimento do cerco, a leste e a nordeste, foram repelidas. O estreitamento do anel que envolvia o adversário, por meio de pressão a leste, progredia rapidamente. Arremetidas russas vindas da parte externa, para socorrer os sitiados, resultaram infrutíferas. É verdade que partes do exército inimigo conseguiram, de fato, bater em retirada em direção a leste, ao longo da estrada de ferro e da rodovia costeira. Sabe-se, porém que, na guerra, o perseguido é sempre mais rápido do que o perseguidor. Em sua ânsia, o primeiro desembarrava-se mais prontamente das dificuldades impostas pela terra

amolecida e pela escuridão da noite. Mas apenas pequenas unidades lograram escapar pela última brecha que ainda havia. Suas colunas de tropas e de suprimentos, aglomeradas nas poucas estradas existentes, foram, estreitando, violentamente atacadas pelos aviões alemães. A perseguição ao longo da parte sul do cêrco, que já tivera início, alcançava o inimigo. Logo após, feriu-se uma fragorosa batalha no ponto de contração do anel. A léste do círculo que envolvia os russos, outro destacamento avançado, arremetia. O primeiro, já mencionado, aproximava-se de Kerch e devia, muito breve, atrair a atenção de poderosas unidades russas. Até o dia 11, êsse destacamento capturára 3.000 prisioneiros e puzera fora de ação 58 aeroplanos. Ao anoitecer de 12, as tropas germânicas haviam marchado combatendo, mais de 50 quilômetros para léste. Quando o comunicado do dia 13, anunciou que a batalha no istmo de Kerch fôra decidida, o problema, no terreno onde as fôrças russas se achavam cercadas, era apenas o de limpeza.

Fazia cinco dias que a ofensiva se iniciára. Não fôsse a interrupção a que nos obrigára a chuva, a batalha deveria durar sómente três dias.

O dia em que chovêra exerceu, também, uma influência prejudicial na marcha das operações subsequentes. A terra demorou a sêcar e, em alguns pontos, as condições difíceis do terreno persistiram até o fim. A tentativa inimiga, feita a 13, de criar uma nova linha contínua de resistência na "Posição Tártara" — uma barreira contra a qual os Tártaros haviam, em certa época, se defendido dumã invasão russa — fracassou diante dos rápidos ataques de nossas fôrças de penetração, o mesmo ocorrendo com tentativas idênticas, realizadas no dia imediato, nas elevações existentes em torno de Kerch. Diferente situação deparou-se-nos, todavia, nas árduas batalhas em disputa de pontos elevados, onde a resistência soviética aumentava de dia para dia.

A brecha através do cinturão de defesa de Kerch, teve de ser forçada contra um inimigo que lutava em condições desesperadoras e que se defendia com o auxílio de numerosos "tanques". Sómente na manhã do dia 15, foi possível quebrar a resistência, que se fez sentir de forma extremamente amarga em determinados pontos, e ocupar a cidade e o porto. No decorrer dessa batalha, ferida diante de Kerch, uma outra se havia iniciado e desenvolvido a 20 quilômetros à noroeste da cidade, na área situada em torno de Salin. Os russos, alí, foram repelidos por meio de hábeis operações levadas a efeito contra suas linhas de retaguarda estendidas até os portos de embarque, à léste.

O único porto que ainda lhes oferecia possibilidades de fuga era o de Yenikale, localizado a 5 quilômetros à léste de Kerch. Alí,

assim como ao longo da costa, nas vizinhanças de Mayak Baksy, até o cabo Khroni, na estrada nordeste do estreito de Kerch, haviam diversos fortes e instalações fortificadas que restavam de épocas anteriores.

Dum modo geral, êsse terreno, que agora se tornára o teatro da fase final da batalha para o cêrco de Kerch, era bem apropriado para a defesa. O objetivo do inimigo era o de cobrir a retirada, ou melhor, o embarque em Yenikale, fazendo uso dessas posições fortificadas. A 15, essa linha de resistência poderosamente guarnecida foi rompida após uma batalha que teve várias horas de duração. O número total de prisioneiros feitos até então, elevava-se a 93.000. As bombas da arma aérea alemã explodiam com tremendo efeito sobre as unidades russas amontoadas no mais curto dos espaços. A aviação atacou, ao mesmo tempo, navios de guerra e de transporte, uns ainda no porto e outros já em marcha. Não obstante, o inimigo ainda resistia a 16. Sob o comando de numerosos oficiais e comissários, desesperados contra-ataques tinham lugar em toda parte. Víamos claramente que tais ataques em massa só podiam ser possíveis se o número de soldados russos cercados fôsse consideravelmente maior do que havíamos calculado. Finalmente, nossas tropas testemunharam um espetáculo impressionante, no qual o inimigo lançava-se ao ataque disposto em várias linhas, sendo que na primeira delas os soldados arremetiam de braço dado. Era uma horrível maneira de caminhar para a morte. Tivemos também de repelir repetidas vezes, tentativas de desembarque na retaguarda de nossas forças. Um sintoma bastante significativo da resistência soviética é o fato de que, num determinado local da região estreita, 1.100 soldados inimigos foram capturados e outros tantos mortos encontrados. Literalmente, éramos obrigados a disputar cada metro de sólo. Só pudemos dizer que a resistência russa foi, finalmente, quebrada, depois que a artilharia pesada desmantelou o sistema de fortes e que as casamatas construídas nos rochedos fôram dominadas por meio de aparelhos lança-chamas.

A total significação da batalha só pode ser avaliada mais tarde. O elevado grau em que os russos a estimaram é evidenciado pela massa de forças que lançaram em ação. A batalha foi emocionante pela natureza da resistência russa e conduziu ao aniquilmento.



Número de 10 de outubro de 1943

- 1.º — EDITORIAL.
 - 2.º — ROMMEL, O LEGENDÁRIO — Ten.-Cel. Mac Cord.
 - 3.º — O EMPREGO DA CAVALARIA LIGEIRA MOTO-MECANIZADA — Cel. da Reserva de 1.ª Classe, J. B. Magalhães.
 - 4.º — A BATALHA DE EL GUETTAR, NA TUNISIA — Ten.-Cel. Lyra Tavares.
 - 5.º — SUBSIDIO PARA O ESTUDO DA ATUAL GUERRA — Cap. Geraldo de Menezes Côrtes.
 - 6.º — VOCÊ SABE ESTUDAR ? — 1.º Ten. Nilton Freixinho.
 - 7.º — OS COSSACOS DERROTAM UNIDADES BLINDADAS — Cap. Hugo Bethlem (Tradução).
 - 8.º — A LEI DO BIRIO — (De "O País" de 3 de agosto de 1886).
 - 9.º — À MARGEM DOS COMBUSTÍVEIS — NOTAS SOBRE O PETRÓLEO — Cap. Umberto Peregrino.
 - 10.º — A GUIA DE CONTRIBUIÇÃO — Major Newton Franklin do Nascimento.
 - 11.º — PROJETORES DE ILUMINAÇÃO NA ARTILHARIA DE COSTA — Cap. Oly Dorneles.
 - 12.º — SERVIÇO EM CAMPANHA DE D. C. A. — 1.º Ten. Otavio Alves Velho.
 - 13.º — RAÇÃO DE RESERVA — Asp. I. E. Jaime Roemberg de Lima.
 - 14.º — NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO.
-
-

Número de 10 de outubro de 1943

- 1.º — EDITORIAL.
 - 2.º — ROMMEL, O LEGENDÁRIO — Ten.-Cel. Mac Cord.
 - 3.º — O EMPREGO DA CAVALARIA LIGEIRA MOTO-MECANIZADA — Cel. da Reserva de 1.ª Classe, J. B. Magalhães.
 - 4.º — A BATALHA DE EL GUETTAR, NA TUNISIA — Ten.-Cel. Lyra Tavares.
 - 5.º — SUBSIDIO PARA O ESTUDO DA ATUAL GUERRA — Cap. Geraldo de Menezes Côrtes.
 - 6.º — VOCÊ SABE ESTUDAR ? — 1.º Ten. Nilton Freixinho.
 - 7.º — OS COSSACOS DERROTAM UNIDADES BLINDADAS — Cap. Hugo Bethlem (Tradução).
 - 8.º — A LEI DO BIRIO — (De "O País" de 3 de agosto de 1886).
 - 9.º — À MARGEM DOS COMBUSTIVEIS — NOTAS SOBRE O PETROLEO — Cap. Umberto Peregrino.
 - 10.º — À GUIA DE CONTRIBUIÇÃO — Major Newton Franklin do Nascimento.
 - 11.º — PROJETOES DE ILUMINAÇÃO NA ARTILHARIA DE COSTA — Cap. Oly Dorneles.
 - 12.º — SERVIÇO EM CAMPANHA DE D. C. A. — 1.º Ten. Otavio Alves Velho.
 - 13.º — RAÇÃO DE RESERVA — Asp. I. E. Jaime Rolemberg de Lima.
 - 14.º — NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO.
-
-

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros — militares ou não — à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua **Secção de Publicações**, o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO**.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da encomenda.

As despesas relativas ao **SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO**, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.



Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.

Em...../...../.....

Sr. Diretor de Publicações

de "A DEFESA NACIONAL"

CAIXA POSTAL 32
Ministério da Guerra
RIO DE JANEIRO

Solicito enviar-me, pelo SERVIÇO DE REEM-
BOLSO POSTAL, os seguintes livros:

Nome

Unidade ou rua

Cidade

Estado